

Radio 18.8.62
Quadrante D

Rubem Braga

TÂNGER CAPITAL DE VERÃO

A partir dêste ano Tânger é a capital de verão do Reino do Marrocos. O Governo de Espanha deu de presente ao rei um palácio na montanha, mas 50 embaixadores e não sei quantas centenas de funcionários invadiram a cidade à procura de casas. Arranjei uma; pertence a uma velha dama francesa que não conheço mas sei que tem mania de cortinados côr de cereja e de móveis forrados de veludo **gris bleu**, admira Luís XVII, cujos retratos me perseguem do alto das paredes, entre gravuras campestres, pratos de faiança, marinhas com neveiro e quadros de flôres. Devo dizer também que essa velha dama tem o louvável gôsto de banheiras imensas em banheiros também imensos; que aprecia muito uvas e figos, frutas que ora amadurecem no pomar. Eu poderia dar nestes vastos salões a minha festa de 7 de Setembro se o acesso à "villa" não fôsse uma tortuosa vereda entre muros e sebes — o que em Portugal se chama belamente uma azinhaga — a se despencar do planalto do Marchan até o mar.

O mar... Foi por causa do mar que essa velha senhora pôde me cobrar, por êstes dois meses, o que certamente não obteria em um ano de aluguel. Seus veludos e suas faianças não me dizem nada, mas a casa tem uma varanda aberta sôbre as árvores e o mar. O Atlântico e o Mediterrâneo se encontram aqui, e há águas verdes e águas azuis, às vêzes com franjas pardas e outras amarelas. Para a direita, que é o leste além do farol do cabo de Malabata, aparecem nos dias claros as montanhas de Ceuta. Para o norte, além do mar, terras de Espanha — tenho uma varanda sôbre a Europa. Aquelas colinas azuis são a Europa, ali é Tarifa, além o penhasco de Gibraltar. Por êsse estreito de 13 quilômetros, velha bôca do mundo, venerável esquina

da História, entram e saem navios. Amarrei a duas árvores uma branca rêde cearense e, na tarde interminável de um domingo, leio um livro de História de Tânger e cochilo suavemente na brisa enquanto desembarcam fenícios e cartagineses, romanos e vândalos, bisantinos e visigodos. A cidade é de todos e de ninguém, invadem-na árabes vindos do Oriente e berberes que descem das montanhas. Chegam pelo mar os portugueses e a tomam, e fazem da Grande Mesquita uma catedral; agora Tânger é espanhola, logo volta a ser portuguesa; Catarina de Bragança, ao se casar com Carlos II, leva Tânger como dote, mas os ingleses a perdem para o sultão. No fim do século XVIII a esquadra espanhola nos bombardeia; no meio do século XIX são os canhões franceses do Príncipe de Joinville que derrubam nossas muralhas; no começo do século XX é o Kaiser Guilherme II que desembarca ameaçador do "Hohenzollern": haverá guerra? As potências se encontram em Algeciras; o Kaiser ganha terras do Camerum, os ingleses têm sinal verde para avançar no Egito, os franceses e espanhóis se repartem o Marrocos — mas Tânger fica de fora; os senhores cônsules de nove potências a governam todos ao mesmo tempo e cada um de sua vez. Tânger é uma cidade do mundo onde se falam tôdas as línguas e se trocam livremente tôdas as moedas e mercadorias. Na última guerra os espanhóis ocupam a cidade, mas em 1945 ela volta a ser internacional — até que um rei, vindo de um exílio em Madagáscar, diz que o Marrocos é dos marroquinos e Tânger é do Marrocos.

Passam navios; minha rêde se balança com preguiça domingueira sôbre a história e a geografia dessas colinas verdes, dessas praias morenas, dessa imensa água azul...

539 18-8-62

71